O Parceiro Preferido A Proteção do Patrimônio Cultural Durante as Operações Militares

Laurie W. Rush Amanda Hemmingsen

o ambiente operacional e sociopolítico atual, a capacidade efetiva de construir parcerias com organizações militares de países culturalmente diferentes tem se mostrado uma habilidade essencial para as Forças Armadas dos EUA, tanto em termos estratégicos quanto táticos. Podemos prever muitos poucos cenários nos quais os Estados Unidos irão conduzir uma ação militar unilateral em terras estrangeiras.

Sejam as operações de combate em larga escala, a luta contra o Estado Islâmico, as operações de ajuda humanitária e de resposta a desastres naturais (ou provocados pelo homem), a interdição de armas e drogas para traficantes ou a execução de uma grande variedade de outras missões, as Forças Armadas dos EUA operarão rotineiramente, de forma impositiva, por meio de coalizações e dentro de ambientes onde o êxito dependerá, em



grande medida, da capacidade de os soldados dos EUA desenvolverem um entendimento acerca da cultura, dos costumes, do treinamento e dos processos mentais dos nossos aliados, bem como dos povos entre os quais operaremos e dos oponentes que enfrentaremos.

Como consequência, o sucesso operacional futuro talvez seja, no final, decorrente de quão bem desenvolvamos um sofisticado entendimento daquilo que motivará nossos parceiros de coalizão a manterem seu compromisso com a realização de objetivos comuns.

Para alcançarmos tais níveis de sofisticação e de profundidade de entendimento cultural, é evidente que precisaremos "treinar da mesma forma que lutaremos" em ambientes estrangeiros. Tais oportunidades para instrução cultural assumirão várias formas: exercícios de coalizão, jogos de guerra, projetos civil-militares, seminários executivos e outros eventos de treinamento projetados de forma criativa. Além disso, o planejamento de cada atividade operacional precisa ser considerado de forma mais ampla, de acordo com seu impacto cultural. Não devemos nos limitar, tão somente, aos objetivos militares imediatos de qualquer atividade de treinamento ou contingência real. Ao contrário, devemos ter em mente os impactos operacionais e estratégicos de longo prazo que nossas ações podem ter em outros fatores intrínsecos ao planejamento.

Contexto dos Antecedentes

Os Estados Unidos são uma nação relativamente jovem, que surgiu como um país que se orgulha da amalgama e homogeneização da identidade nacional de imigrantes de diversas origens em uma tentativa contínua de forjar uma única nação centrada em torno de uma narrativa nacional compartilhada e concreta. Procurou fazê-lo ao instilar nos novos cidadãos aquilo que Samuel Huntington, um acadêmico da Harvard, se referiu como sendo o credo americano — uma narrativa nacionalista que tenta inculcar uma percepção de que os norte-americanos são vinculados, um ao outro, por uma identidade nacional especial que é supostamente baseada no respeito a valores e direitos humanos naturais compartilhados, especialmente, os direitos individuais¹.

Página anterior: Dhief Muhsen, o curador dos sítios históricos em Ur, mostra aos militares da 36ª Brigada de Combate de Aviação como era a cidade iraquiana há vários mil anos, 18 Nov 06. (Sgt Lorin T. Smith, Exército dos EUA)

Quase sempre, para o norte-americano comum, que é aculturado ao longo do tempo pelo credo americano, é difícil entender ou se relacionar às culturas mais antigas e calcificadas, que formaram sua identidade comunitária por meio de vínculos psicológicos profundamente arraigados e que talvez não adotem os valores ou direitos individuais naturais como algo universal, ou, tampouco, deem a ênfase americana singular nas abstrações relacionadas ao individualismo e aos direitos individuais. Em outras culturas, lugares sagrados e relíquias culturais servem frequentemente como emblemas e âncoras essenciais da identidade comum, especialmente entre as comunidades que têm crescido envoltas em tradições culturais profundamente enraizadas, as quais são fortalecidas pelos rituais e práticas antigas, algumas delas, comprovadamente, com antecedentes de centenas (senão milhares) de anos.

Por exemplo, durante o primeiro domingo de maio de cada ano, dezenas de milhares de cidadãos turcos se reúnem na antiga cidade de Sárdis. Essa comemoração antecede ao surgimento do cristianismo e do islamismo, refletindo uma tradição de devoção sazonal vinculada à veneração antiga da deusa Artêmis, um culto centrado anteriormente no templo em Sárdis. Acredita-se que as atuais comemorações são remanescentes de rituais pra-

Laurie Rush, PhD, é antropóloga e arqueóloga do Exército dos EUA, que trabalha junto à 10ª Divisão de Montanha. É bacharel pela Indiana University Bloomington e mestre e doutora pela Northwestern University. Além disso, é bolsista da American Academy em Roma, acadêmica da University of Pennsylvania e pesquisadora associada do Smithsonian [Institute]. Ela leciona internacionalmente e recomenda a implementação de proteção de patrimônio cultural durante as operações militares dos EUA e da OTAN como um componente de êxito da missão.

ticados no mesmo lugar desde a Antiguidade.

A participação em tais eventos não representa simplesmente diversão comunitária tradicional.

Amanda Hemmingsen

se formou na University of Kansas com mestrado em Literatura e Teoria de Inglês. Trabalhou por três anos na Army University Press como editora de manuscritos, membro do conselho editorial da *Military Review*, instrutora do idioma inglês e mentora de redação profissional, trabalhando com autores aspirantes, para ajudá-los a refinar suas habilidades e atingir suas metas de publicação.

Para muitas pessoas, celebrações em velhos locais venerados reforçam e concretizam um sentido de continuidade e identidade para a comunidade, proveniente de um tempo remoto e quase esquecido. A resposta de uma jovem participante para quem foi perguntado o motivo de ter ido à celebração ressalta uma ligação cultural profunda, que muitos cidadãos turcos associam com o local: "estamos aqui para estarmos em lugares muitos antigos"².

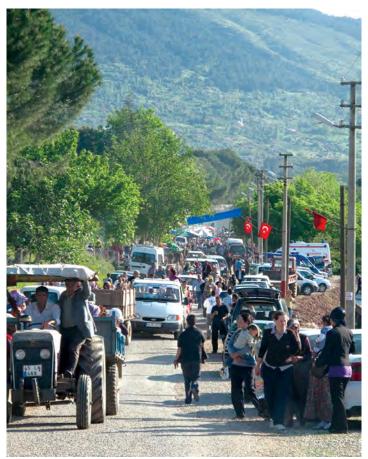
Da mesma forma, uma fé no poder das antigas tra-

dições culturais com o propósito de vincular os moradores das comunidades atuais com as do passado é evidente por todo o Levante, Iraque e Afeganistão. Nesses locais, é comum ver sepultamentos em sítios antigos. Uma das explicações recorrentes para esse fenômeno, que é dada aos estrangeiros, assegura que muitos cidadãos buscam na morte ter seus restos fúnebres entrelaçados na continuidade da história e das glórias encontradas nas antigas raízes de suas civilizações ancestrais.

Os planejadores militares norte-americanos devem estar plenamente conscientes de que tal ligação arraigada às origens e aos antepassados de uma comunidade não é uma opinião pitoresca

ou minoritária, senão o padrão de referência prevalecente para a maioria de pessoas do mundo e, portanto, um componente essencial do entendimento de "como" e "porque" as pessoas se comportam de uma maneira quando analisadas do ponto de vista da segurança.

Com respeito a como esses conceitos se aplicam à eficácia relativa das operações militares, as habilidades aprimoradas para fazer parcerias efetivas com instituições militares de outros países com perspectivas culturais e antecedentes bem diferentes dos nossos não devem ser vistas, apenas, como "valor agregado", mas como algo estratégica e taticamente essencial, conforme as culturas do mundo se aglutinam em uma sociedade global muito competitiva. Para muitas pessoas dos países com quem trabalhamos, as características da herança cultural são símbolos poderosos e vívidos de orgulho na sua identidade nacional e são, portanto, componen-



Famílias turcas se reúnem para o festival da primavera que ocorre no sítio arqueológico do antigo Templo de Artêmis, em Sárdis, na Turquia. É provável que essas celebrações ocorram por mais de dois mil anos. (Foto por Laurie Rush)

tes essenciais para o efetivo estabelecimento ou restauração da estabilidade sociopolítica. Consequentemente, uma parte do nosso esforço prioritário deve ser direcionada ao entendimento dos artefatos e características tradicionais associados ao patrimônio cultural dos nossos parceiros e aliados, enfatizando a identificação de suas manifestações e emblemas físicos que eles consideram inestimáveis e invioláveis.

Tal método é um componente necessário da estratégia na era moderna visando à formação e manutenção de sólidas parcerias.

Além disso, essa abordagem não produz apenas entendimento e vínculos mais profundos entre parceiros, mas cria também uma oportunidade para que as Forças Armadas dos EUA exibam os valores que estão por trás do envolvimento norte-americano ao longo das operações de coalizão — um compromisso com a preservação, ou restauração, de uma paz baseada em nosso sentido universal de decoro humano e de

respeito aos outros, como um meio para a promoção da estabilidade em suas sociedades.

A Proteção do Patrimônio Cultural

Em virtude do reconhecimento de que a proteção das heranças culturais seja um componente essencial de uma estratégia gradual destinada a promover a coesão de uma coalizão, alguns segmentos das Forças Armadas dos EUA já começaram a usar a "proteção de patrimônio cultural" (PPC) como base para o estabelecimento de novas parcerias. O uso da PPC não é apenas uma responsabilidade moral relativa à preservação da herança de um povo em seu sentido prático, ela ajuda, também, os militares dos EUA a adquirirem um discernimento profundo sobre a mentalidade do seu parceiro ou das potenciais organizações militares aliadas, ao observarem cuidadosamente o que elas mais valorizam em termos de preservação da cultura da sua própria nação e as razões por isso.

Como resultado, a PPC oferece um entendimento mais acurado em termos de inteligência cultural, bem como uma abordagem menos ameaçadora para conseguir um entendimento comum, ao prover uma excelente plataforma para o engajamento transcultural e internacional. Quando aplicado, esse método já resultou em um impressionante histórico de sucesso. Alguns exemplos de lições aprendidas são discutidos abaixo, demonstrando a eficácia da PPC em um variado conjunto de circunstâncias e

formas de engajamento com parceiros e aliados. Os exemplos são provenientes do Oriente Médio, da América do Sul e da África, ilustrando o potencial global desse método.

Engajamentos de Proteção de Patrimônio Cultural no Oriente Médio

Durante as operações de combate em 2003, fuzileiros navais dos EUA e forças polonesas ocuparam o sítio arqueológico da antiga cidade da Babilônia. Antes da guerra, a Babilônia era um lugar que inspirava grande orgulho nacional entre os iraquianos, uma vez que era considerada evidência tangível das antigas raízes da civilização iraquiana e das contribuições que seus antepassados tinham oferecido ao crescimento da civilização humana. Considerando seu significado, Saddam Hussein atribuiu grande ênfase ao uso do sítio com a finalidade de propaganda, visando a promover a identidade e a unidade nacionais do Iraque. Além disso, a Babilônia atraiu amplo interesse mundial por seu valor religioso. O destino da Babilônia era de interesse particular para a comunidade internacional de cristãos e judeus, devido à sua proeminência nos relatos da

Ruínas do Templo de Artêmis, em Sárdis, Turquia, 8 Mai 11. O templo data do VI Século aC. A cada primavera, milhares de famílias turcas se reúnem aqui para o festival. (Foto por Laurie Rush)



Bíblia judaico-cristã. Assim, pela perspectiva histórica do Ocidente e do Oriente Médio, o sítio foi distinguido, desde o início, entre os locais mais importantes e icônicos do planeta, justificando que fosse selecionado para prioridade de proteção militar. Consequentemente, os planejadores da coalizão, no início da guerra, estavam suficientemente atentos quanto à necessidade de enviar forças para essa área, com a finalidade específica de proteger o sítio de possíveis saqueadores.

Infelizmente, nenhuma das forças enviadas estava preparada para ocupar qualquer tipo de sítio arqueológico, muito menos um de tamanho significado. Antes do outono de 2004, danos ao sítio feitos pelos próprios

militares se tornaram uma notícia negativa amplamente veiculada pela mídia internacional contra a coalizão liderada pelos EUA. O prejuízo causado à Babilônia não deixou apenas uma imagem muito negativa das Forças Armadas dos EUA por todo o mundo, em relação à sua aparente insensibilidade para com as culturas nativas do Oriente Médio em geral, mas também criou a impressão localizada entre os parceiros de coalizão do Oriente Médio de que os Estados Unidos não demonstravam respeito e não se preocupavam especificamente com a herança da antiga Mesopotâmia, um golpe devastador ao prestígio da coalizão e à confiança interna⁴.

Ao aprender com os danos feitos na Babilônia, o engenheiro ambiental do Comando Central dos EUA (US CENTCOM) e alguns integrantes do Gabinete do Secretário do Estado-Maior Conjunto perceberam que o CENTCOM precisava ser mais proativo quanto ao reconhecimento e à minimização de prejuízos a outros sítios arqueológicos durante a ocupação do Iraque e a presença de tropas dos EUA em outros lugares, por uma variedade de razões políticas e humanitárias. Além disso, perceberam que os Estados Unidos só poderiam reconquistar a superioridade moral e de operações de informação nessa área de preocupação se demonstrassem aos parceiros de coalizão por todo o Oriente Médio que os EUA estavam comprometidos a tomar as ações apropriadas



Um relevo de mušhuššu (dragão) no muro oeste do portão abaixo de Ishtar, tirado em 2002, na Babilônia, Iraque. Investigadores concluíram que muitos dos danos às figuras mušhuššu ocorreram quando a área estava sendo usada como uma base para as forças norte-americanas e polonesas. Possivelmente, foram causados ao mesmo tempo por uma ou mais pessoas tentando remover tijolos decorados. Tanto um relatório da UNESCO, de 2009, quanto outro do Departamento de Estado dos EUA, de 2010, documentaram extensivamente os danos atribuídos às atividades de escavação e de construção relacionadas ao estabelecimento do Camp Alpha, em 2003 e 2004. (Jane Sweeney, Art Directors and TRIP/Alamy Stock Photo)

m relatório detalhado elaborado pelo Departamento de Estado dos EUA sobre os danos causados no sítio arqueológico na Babilônia pelo líder iraquiano Saddam Hussein — e depois pelo impacto adverso da ocupação do sítio pelas forças norte-americanas e polonesas a partir de 2003 — podem servir como

um recurso útil para comandantes e planejadores de estado-maior que se depararem com missões em terreno culturalmente sensível, como sítios arqueológicos. O relatório "April 2010 Report on Damage to the Site of Babylon, Iraq" pode ser visto em: https://eca.state.gov/files/bureau/babylondamagereport.pdf.

para proteger efetivamente a Babilônia, bem como impedir problemas futuros, ao estabelecer um programa da PPC para ajudar a evitar esse tipo de ocorrência negativa em outros sítios históricos.

Nos Estados Unidos, a proteção e a gestão militares dos sítios arqueológicos se encaixam na categoria ambiental. Dentro da organização típica de uma instalação militar no território norte-americano, o arqueólogo ou gerente de recursos culturais da base ou da guarnição militar trabalha para o programa do meio ambiente situado dentro da Diretoria de Obras Públicas. Os programas militares do meio ambiente controlam os resíduos tóxicos, resíduos sólidos, resíduos radioativos, petróleo, reciclagem, qualidade da água, qualidade do ar, florestas, terra e espécies

ameaçadas. Dentro de cada comando conjunto, os engenheiros militares assumem responsabilidade pelo patrimônio cultural e todos os outros aspectos da conformidade ambiental. Cada comando conjunto deve dispor de um engenheiro ambiental (tenente-coronel ou equivalente) trabalhando em tempo integral.

Em 2006 e 2007, sérios problemas ambientais, além dos danos na Babilônia, começaram a surgir no Iraque. A imprensa começou a dar destaque a poços de lixo incendiados, cuja fumaça e resíduos produzidos eram potencialmente nocivos. O engenheiro ambiental do CENTCOM, Ten Cel Daniel Brewer, foi incumbido da resolução de uma série de problemas. Quando o Gabinete do Secretário de Defesa apresentou sua lista de prioridades ambientais a Brewer,

Um cemitério muçulmano ao lado do Muro Leste da Cidade Antiga de Jerusalém. (Nikodem Nijaki via Wikimedia Commons)



a arqueologia ficou entre as cinco prioridades mais altas. É possível que o interesse pessoal na preservação histórica pela Primeira Dama Laura Bush tenha contribuído para essa prioridade.

Em resposta parcial à experiência negativa do CENTCOM na Babilônia, Brewer e seus colegas decidiram acrescentar as preocupações relativas à PPC como pauta durante exercícios no Oriente Médio, incluindo os tradicionais jogos de guerra Bright Star, no Egito, e duas variantes do exercício Eagle Resolve, uma em Abu Dhabi e outra no Catar. Além disso, Brewer acrescentou o assunto de proteção de patrimônio cultural a uma série de engajamentos de parceria ambiental na Jordânia, bem como duas shuras (reuniões entre comandantes da coalizão e proeminentes chefes regionais e locais) sobre o meio ambiente, em Cabul⁵.

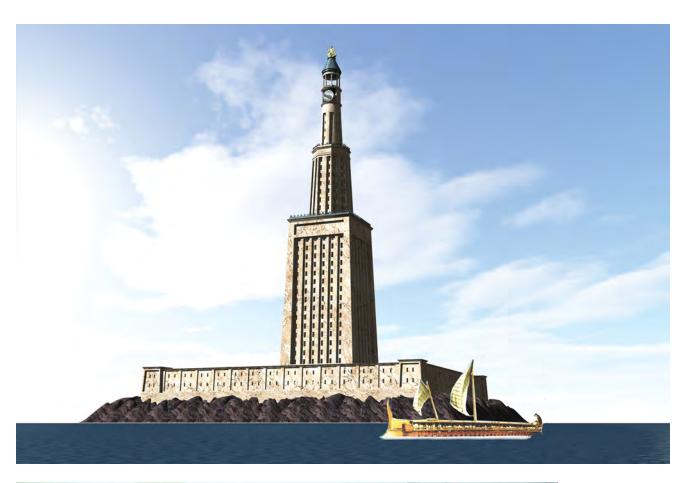
Bright Star, 2007. Para a Operação Bright Star no Egito, em 2007, a PPC consistia em um engajamento de pequena escala com arqueólogos egípcios, incluindo um briefing de conhecimento e visitas a sítios culturais para um pequeno grupo de oficiais da coalizão. Durante um desses briefings, um dos mergulhadores da Marinha, em um momento de sorte, perguntou sobre as operações de demolição propostas em Abu Qir, no porto de Alexandria. As operações navais coordenadas, incluindo a demolição submarina, tinham tradicionalmente sido uma parte dos exercícios, e os mergulhadores egípcios e norte-americanos planejavam o evento conjuntamente. O porto de Alexandria, como muitos lugares no Egito, é pródigo em sítios arqueológicos ainda não escavados, remontando até talvez 3000 aC. Entre os mais proeminentes sítios conhecidos está a fundação do Farol, que servia à antiga cidade de Alexandria, considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Construído entre 280 e 247 aC, servia não apenas para guiar navios carregados com bens de comércio destinados aos mercados do Egito, mas também como um símbolo internacional da riqueza, sofisticação e realizações egípcias para todos que chegavam ao Egito, incluindo Júlio César. Ao longo do tempo, conforme o Egito perdeu prestígio e poder, a torre sofreu com a degradação e, no final, desmantelada para que suas pedras fossem usadas em outras estruturas. No entanto, tinha sobrevivido por quase mil anos e, como tal, tornara-se um componente bem conhecido da tradição e do folclore popular, um símbolo emblemático das realizações científicas e arquitetônicas do passado egípcio. Já no

início do Século XX, presumia-se que a maioria dos restos estivesse debaixo da água no porto de Alexandria. Em 1994, arqueólogos franceses descobriram as ruínas do farol no leito do porto, junto com evidências de uma quantidade maior de artefatos não examinados. Como resultado do interesse gerado pela preocupação do mergulhador da Marinha, as coordenadas do local da demolição proposta foram compartilhadas com dois egiptólogos proeminentes que trabalhavam na região. Dentro de 24 horas, todos os locais foram analisados e considerados isentos de perigo às ruínas arqueológicas.

O envolvimento de arqueólogos distinguidos na identificação de perdas potenciais de antiguidades demonstrou, de uma forma muito visível, aos egípcios de que os EUA respeitavam e se preocupavam com a proteção e a preservação da herança cultural daquele país. Também demonstrou a todos os planejadores envolvidos no exercício a viabilidade do conceito de proteção de patrimônio cultural. Como resultado, o exercício *Bright Star* 2007, estabeleceu tanto o precedente quanto um modelo para a coleta de informações e análise paisagística que podem ser usadas em campanha, em qualquer lugar e a qualquer momento.

A programação dessas reuniões de conhecimento com os parceiros e as visitas culturais são eficazes em termos de tempo, bem como fomentam a boa vontade entre as partes. Por exemplo, sem o briefing inicial, o mergulhador da Marinha não teria tido um canal livre para reportar sobre ameaças não identificadas ao patrimônio cultural principal. A falha em identificar essas ameaças poderia ter levado à perda de oportunidades insubstituíveis de pesquisa e de turismo lucrativo para a população local, bem como prejudicar as relações com nossos parceiros egípcios. A incorporação de tais briefings, reuniões de coordenação e visitas aos sítios de elevada susceptibilidade é um método econômico de baixo risco com grandes recompensas potenciais em termos de desenvolvimento de confiança e um sentido de compromisso profundo entre aliados e parceiros de coalizão.

Bright Star, 2009. Devido, em grande medida, à experiência com a PPC em 2007, o componente do patrimônio cultural do *Bright Star* foi expandido, em 2009, para incluir reuniões com o secretário-geral do Conselho Supremo das Antiguidades Egípcias e visitas a Saqqara, El Alamein, a Cidadela do Cairo, o Museu Egípcio e o Museu Militar Egípcio. Duas valiosas lições surgiram do exercício *Bright Star*, 2009.





Acima: Uma reconstrução detalhada, feita em 2013, do Farol de Alexandria baseada em um estudo detalhado do prédio realizado em 2006. (Imagem cortesia de Emad Victor Shenouda via Wikimedia Commons)

À esquerda:

Colunas no museu subaquático perto do antigo farol em Alexandria, Egito, 12 Set 10. (Foto cortesia de Roland Unger, Wikimedia Commons) Primeiro, o engajamento mostrou aos planejadores norte-americanos os desdobramentos mais amplos dos aspectos psicológicos e de relações públicas que os danos feitos na Babilônia tinham produzido entre outros parceiros no Oriente Médio. Quando os generais egípcios que planejavam o *Bright Star* foram perguntados sobre os planos dos EUA para visitar sítios, eles descreveram, inicialmente, as forças dos EUA como "os destruidores da Babilônia, e as últimas pessoas que queremos que visitem nossas pirâmides". A perda de respeito nesse nível, especialmente no Oriente Médio, onde as memórias são longas, é danosa à construção de coalizões e difícil de se recuperar.

A segunda lição foi muito mais positiva. Depois da resposta desanimadora das forças militares egípcias, a equipe de educação sobre o patrimônio cultural se aproximou do Secretário-Geral, Dr. Zahi Hawass, e pediu permissão para acessar os sítios culturais. Hawass entendeu as metas do pedido americano e aprovou pessoalmente as visitas militares, tendo os soldados como seus convidados. Uma vez começadas as visitas aos sítios, os facilitadores acadêmicos descobriram que esse método de educação sobre a PPC foi extremamente eficaz. Essencialmente, a experiência demonstrou que quando a instrução ocorre no próprio sítio arqueológico ou em um museu, a aprendizagem se torna mais eficaz. A reação geral dos militares envolvidos na visita à Pirâmide de Degraus (Pirâmide de Djoser) em Saqqara era "Agora entendemos, ajude-nos a fazer da forma correta. Precisamos de mapas e informações".

A identificação de efeitos secundários importantes. Além das lições básicas sobre a PPC referentes à identificação e ao respeito do patrimônio cultural, a visita a Saqqara demonstrou, também, o papel-chave que a preservação de patrimônio cultural pode ter em relação à formação de estabilidade econômica. Enquanto o grupo viajou entre o Cairo e Saqqara, o ônibus passou por uma série de comunidades em dificuldades econômicas. No entanto, conforme o grupo se aproximou do sítio, os participantes começaram a perceber que as comunidades lhes pareciam mais prósperas. No caso de Saggara e dos vilarejos circundantes, a economia turística parece ter tido efeitos positivos por toda a região. A maior prosperidade parecia estar diretamente relacionada com a capacidade de atrair dinheiro do turismo no próprio sítio, no seu

museu e na compra de refeições e lanches nos arredores. Além disso, uma indústria de tapetes egípcios tinha aparecido na vizinhança imediata, pois parecia viável atender ao mercado turístico. Vale observar que os turistas que compram tapetes como lembranças apoiam não apenas os comerciantes de tapetes perto do sítio arqueológico, mas também os fazendeiros de ovelhas que fornecem as fibras para os tapetes.

Com base nessa experiência, as forças dos EUA incumbidas de missões de operações de estabilização desenvolveram um entendimento mais acurado do papel que os esforços de respeitar e proteger o patrimônio cultural podem ter nas operações de estabilização. O efeito contrário, também, é verdadeiro. Se o patrimônio cultural for inadvertidamente danificado ou destruído durante o curso de um conflito, a recuperação econômica pode ser comprometida no longo prazo.

Jordânia, 2009 e 2010. As experiências bilaterais na Jordânia foram, também, muito positivas. Oficiais jordanianos de alto escalão estavam muito receptivos às apresentações dos EUA sobre a PPC e muito interessados no conceito de gestão de recursos culturais domésticos em terreno militar. Um dos castelos no deserto no leste da Jordânia é localizado em uma área de treinamento militar, e um dos oficiais mencionou a importância de protegê-lo. Dessa forma, os jordanianos estenderam a oportunidade para discutir assuntos relacionados à cultura ao mencionar os desafios de treinamento de conhecimento cultural para seu pessoal. Como ressaltado por um comandante jordaniano, do mesmo modo que é benéfico para militares dos EUA aprenderem sobre as culturas e os costumes do Oriente Médio, os soldados beduínos sob seu comando precisavam aprender sobre a cultura e os costumes da Europa em virtude de sua missão de manutenção da paz nas comunidades litorâneas da Croácia.

Brewer garantiu, também, que os engajamentos no país incluíssem visitas aos mais importantes sítios arqueológicos jordanianos. Uma das experiências de aprendizagem mais valiosas nesse contexto foi uma visita realizada a Umm Qais, uma cidade greco-romana localizada na fronteira com a Síria. Umm Qais materializa o conceito de que "uma posição defensiva há 6.000 anos é uma posição defensiva atual", e que é bem possível que militares modernos se encontrem em situações nas quais precisarão ocupar um sítio histórico de

grande importância. As Forças Armadas da Jordânia, de fato, têm torres de vigia naquele sítio, e seu exemplo demonstra que é possível minimizar a presença militar moderna em um local sensível como aquele.

A gestão de Ur. A gestão da antiga cidade de Ur pelo CENTCOM contrasta com os eventos na Babilônia. Saddam Hussein tinha estrategicamente construído sua base aérea em Talil, adjacente ao famoso "zigurate de Ur" e às ruínas daquela cidade. Um zigurate é uma espécie de templo sagrado mesopotâmio e os iraquianos tinham reconstruído suas muralhas externas e a escadaria cerimonial, fazendo a estrutura até mais icônica. A expectativa de Saddam Hussein era de que as forças da coalizão não bombardeariam Talil devido à sua proximidade com os sítios arqueológicos insubstituíveis, uma vez que isso geraria condenação pela comunidade internacional, — um exemplo cínico do uso de patrimônio cultural como escudo para uma instalação militar.

Em 2003, com a queda de Saddam Hussein e a dissolução das forças de segurança iraquianas, a pilhagem estava endêmica por todo o território nacional, mas a comunidade global de arqueólogos estava especialmente ansiosa em relação ao destino dos antigos sítios das cidades mesopotâmias no sul do país, incluindo Ur.

Sob a perspectiva de proteção da força, a mera utilização de uma cerca para separar a antiga cidade da base militar teria criado uma situação inviável, com a possível ocorrência de conduta criminosa imediatamente adjacente à instalação protegida. Como resultado, as forças dos EUA estenderam o perímetro do cercado da base aérea, incorporando Ur. Começaram, também, a patrulhar a vizinhança dos dois sítios arqueológicos próximos, Eridu e Ubaid. Por conseguinte, em face da duração da presença dos EUA e da coalizão, esses sítios não foram submetidos à maioria dos danos experimentados por muitos outros patrimônios arqueológicos da região.

Entre 2003 e 2008, a maioria de Ur permaneceu dentro do perímetro protegido. Como rotina, os capelães da instalação organizavam visitas, sobretudo, para militares da coalizão e pessoas distinguidas ao zigurate e às ruínas reconstruídas, que eram tradicionalmente consideradas como o local onde nasceu Abraão, o patriarca bíblico alegado tanto por árabes quanto por judeus como o progenitor original das suas fés. Entretanto, por razões de segurança, cidadãos iraquianos não tinham permissão de acesso às ruínas da sua cidade e só podiam olhar à

distância pelo cercado, enquanto homens e mulheres vestidos em uniformes estrangeiros visitavam a sua herança, uma situação que fomentava ressentimento regional.

Em certo momento, um jovem soldado de guarda no portão negou acesso a Abdul Amir al-Hamdani, inspetor do sítio arqueológico de Nasiriyah. A situação inusitada criou desconforto e o caso chegou até o conhecimento do Gen Ex David Petraeus, então-Comandante da Força Multinacional no Iraque. No início, o general suspendeu as visitas, mas a segurança na área estava melhorando e al-Hamdani exprimiu confiança de que a comunidade iraquiana já estava pronta para reassumir a responsabilidade pela antiga cidade.

A devolução de Ur aos iraquianos exigiu a remoção da cerca e a reconstrução do atual cercado, além da construção de um novo prédio para controlar o ingresso de indivíduos na base. No início, os arqueólogos com interesse na proteção do sítio estavam preocupados com o projeto, porque qualquer forma de distúrbio terrestre, como a construção da nova cerca e do prédio, poderiam impactar negativamente um sítio arqueológico, especialmente uma antiga cidade como Ur.

Embora concordasse com a meta de reabrir Ur aos iraquianos, Hamdani estava preocupado sobre os potenciais danos ao sítio. Em resposta, o Departamento de Estado dos EUA, em parceria com a 10ª Divisão de Montanha e o Archaeological Institute of America, patrocinou uma delegação norte-americana para auxiliá-lo na inspeção do sítio e da nova construção. A delegação incluía Diane Siebrandt, Diretora de Preservação de Patrimônio Iraquiano do Departamento de Estado dos EUA; Professor Brian Rose, Presidente do Archaeological Institute of America, um dos arqueólogos mais respeitados por todo o mundo; e eu [Laurie W. Rush] a arqueóloga do Fort Drum, Nova York, e da 10ª Divisão de Montanha do Exército dos EUA.

A delegação chegou a Talil, onde foi recebida por uma equipe de reconstituição provincial chefiada por um italiano. Nesse ponto, a delegação foi imediatamente ao sítio com Hamdani, que se mostrou preocupado com os distúrbios terrestres resultantes da reconstrução do cercado e se concentrou nas áreas onde os artefatos tinham sido expostos. O presidente do Archaeological Institute of America conseguiu reafirmar que, em relação aos artefatos, o distúrbio observado foi leve. O grupo inteiro concordou que o objetivo de devolver o sítio à gestão dos iraquianos superou quaisquer dos óbices levantados.



Uma segunda meta da delegação era ratificar o zelo dos Estados Unidos com relação à preservação do sítio e que a conclusão da transição para a gestão iraquiana seria um resultado positivo para todos envolvidos. Eu [Laurie W. Rush], uma arqueóloga com experiência em briefings realizados para comandantes de alto escalão do Exército, consegui chefiar a reunião com integrantes do grupo de comando da Base de Talil e os engenheiros militares da instalação. O meu papel principal era garantir resultados positivos da inspeção do sítio e do cercado. Subsequente à conclusão da missão de delegação, em abril de 2009, o cercado e o novo centro de visitas foram finalizados.

Em maio de 2009, Ur, com seu zigurate icônico, foi devolvido ao povo iraquiano. Para comemorar a transferência, houve um concerto de rock nos degraus do zigurate, que foi assistido por 350 pessoas. Infelizmente, em grande contraste com a experiência na Babilônia, praticamente não houve nenhuma cobertura da mídia global — infelizmente, porque era uma boa notícia a ser explorada em muitos aspectos. Uma terceira lição aprendida sugere que houvesse maior empenho na divulgação e exploração de uma boa notícia como essa, a fim de aproveitar os esforços para fomentar um sentimento favorável entre o público local, regional e global.



Shuras afegãs, Cabul. Outra série de engajamentos que permitiu ampliar o valor da PPC como parte do planejamento operacional foi as shuras realizadas em Cabul, no ano de 2010, com a cooperação do Quadro de Engenheiros do Exército dos EUA, a Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF, na sigla em inglês) no Afeganistão, várias organizações internacionais e não governamentais associadas com a defesa do meio ambiente e representantes dos ministérios do governo da República Islâmico do Afeganistão. Brewer, na qualidade de engenheiro ambiental do USCENTCOM, exerceu o papel principal na organização e condução dessas reuniões, garantindo que a proteção de patrimônio cultural fosse incluída na agenda.

Como a proteção dos recursos culturais se encaixa, também, dentro da categoria ambiental da OTAN, os efeitos combinados da ISAF e do CENTCOM fizeram com que a PPC surgisse como um dos assuntos principais dessas *shuras*. Houve participação da delegação do

Exército dos EUA; da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); de Abdul Wasey Feroozi, Diretor-Geral do National Institute of Archaeology para o Afeganistão; e de Sua Excelência Omar Sultã, Vice-Ministro de Cultura do Afeganistão. Os afegãos aproveitaram a oportunidade para ensinar às forças internacionais a riqueza de sua herança ancestral e seu significado para o povo daquele país. Os norte-americanos e os representantes da OTAN reconheceram a importância dessas reuniões para o compartilhamento de informações sobre os programas ambientais das forças do Ocidente, junto com a discussão sobre o progresso e os esforços para minimizar os impactos ambientais da sua presença na nação anfitriã.

Uma torre de vigia jordaniana próximas às ruínas de Umm Qais, na fronteira do país com a Síria, 11 Fev 14. Os jordanianos proporcionam um bom exemplo de como minimizar a intrusão militar em um sítio protegido. (Foto cortesia de Man77, Wikimedia Commons)



A discussão norte-americana em relação aos esforços de preservação de patrimônio incluía um relatório sobre a elaboração de um inventário de sítios arqueológicos importantes por todo o Afeganistão, a fim de subsidiar a confecção da lista de "não alvos" pela Agência de Inteligência de Defesa. Esse inventário e as imagens associadas dos sítios conduziram, também, o desenvolvimento de treinamento sobre patrimônio cultural para os militares da 10ª Divisão de Montanha que estavam se preparando para partir para o Afeganistão no outono seguinte.

Feroozi tornou-se a encarnação do Valor do Exército de "coragem pessoal", conforme ele descreveu seus esforços para enfrentar pessoalmente Mulá Omar, o infame chefe do Talibã, sobre o assunto da destruição dos Budas de Bamiyan. Ele, ainda, descreveu as medidas corajosas assumidas pelos integrantes do quadro do Museu Nacional do Afeganistão para minimizar os danos a objetos causados pelo Talibã.

O vice-ministro se dirigiu à shura durante o segundo dia, discutindo a importância do patrimônio para a futura estabilidade do Afeganistão. Ele lembrou aos participantes que o antigo patrimônio cultural do país e seu legado glorioso como parte da "Rota da Seda" antecederam os atuais problemas religiosos que o país enfrenta, oferecendo, assim, um tema convergente sobre o qual todos os afegãos podem encontrar valor e orgulho comum. A shura, também, recordou a coragem dos tahilwidar, os guardas de chaves que protegeram os tesouros do Museu Nacional do Afeganistão durante as ocupações da Rússia e do Talibã.

Esses exemplos chamaram a atenção dos participantes dos EUA sobre a importância do patrimônio como um valor comum para os afegãos, sendo algo capaz de fornecer um componente essencial para a fundação da unidade local e nacional. No ambiente da ISAF, a demonstração de um compromisso por parte dos Estados Unidos para estabelecer um programa de PPC ofereceu, também, um entendimento comum com os parceiros europeus da OTAN, que compartilhavam uma paixão pela preservação do patrimônio.

Outro resultado direto da apresentação por Feroozi foi a decisão do Quadro de Engenheiros do Exército dos EUA de apoiar a construção de um armazém de artefatos na antiga cidade budista de Mes Aynak, onde as operações de salvamento arqueológico estavam em andamento, com o intuito de proteger tantos artefatos e relíquias quanto possível, antes da destruição do sítio por uma mina de cobre chinesa.

O poder do patrimônio cultural em Bala Hissar. Outro bom exemplo do poder do patrimônio cultural e da comunicação estratégica no Afeganistão deu-se durante uma comemoração, quando a 10ª Divisão de Montanha transferiu a responsabilidade consultiva para as Forças de Segurança Nacionais Afegãs8. As notícias desse evento foram especialmente significativas para mim, uma vez que refletiram meus esforços para trazer as lições aprendidas de engajamentos transculturais à 10^a Divisão de Montanha e ao Fort Drum. A Equipe de Assistência às Forças de Segurança "Strike 1" da Equipe Multifuncional "Warrior" da 10ª Divisão de Montanha, junto com o 1º Batalhão da 1ª Brigada de Forças de Ataque Móveis do Exército Nacional Afegão escolheram a Fortaleza Bala Hissar, em Cabul, como o local da cerimônia. A seleção de uma fortificação afegã icônica, que outrora fora ocupada por Gengis Khan, forneceu aos afegãos uma oportunidade para compartilhar a sua história, desde a construção da fortaleza, no Século V, até as vitórias do Exército Afegão no Século XIX.

A vontade da 10ª Divisão de Montanha de viajar até Bala Hissar com seus equivalentes afegãos para um evento de tamanha importância demonstrou o respeito dos EUA pelos séculos de poder de combate afegão e sua confiança na prontidão do seu parceiro para assumir tal missão. Os militares dos EUA que tiveram a sorte de estarem presentes descreveram a emoção do evento. Eles, também, entenderam claramente que a escolha de um local simbólico demonstrou sua convicção de que a unidade afegã estava pronta para se tornar independente. Além disso, todos os envolvidos exibiram uma percepção fundamental de que faziam parte da História.

Além das lições aprendidas individualmente com a PPC no Oriente Médio, um componente da atividade de engajamento cultural que precisa ser efetivamente incorporada em todos os planejamentos futuros é uma avaliação de como a conduta e as atitudes das nossas Forças Armadas em relação aos sítios e relíquias culturais impactarão as opiniões dos povos e seus governos. Não devemos apenas construir uma base de conhecimento institucionalizada, precisamos, também, desenvolver métodos de avaliação para a PPC.

O Engajamento do Comando do Sul dos EUA em Honduras

O valor da proteção do patrimônio cultural como um assunto para engajamento não se limita à área de responsabilidade do CENTCOM. Ao longo dos últimos anos, alguns potenciais países de parceria na área de responsabilidade do Comando Sul dos EUA (US SOUTHCOM) já solicitaram, várias vezes, proteção de sítios arqueológicos como um assunto de engajamento de treinamento. A resposta inicial daquele Comando era negativa, talvez porque a proteção de sítios arqueológicos não vinha à mente, de imediato, como uma capacidade militar do SOUTHCOM.

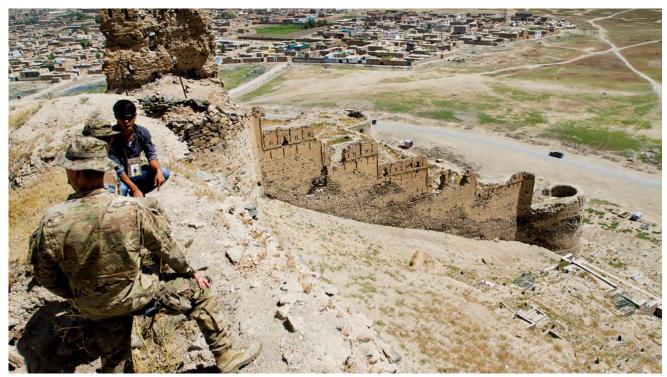
É verdade que as Forças Armadas não protegem os sítios arqueológicos dentro dos Estados Unidos. De fato, esse tipo de uso das tropas militares pode ser uma violação potencial do Ato Posse Comitatus, o dispositivo legal que limita a participação das Forças Armadas dos EUA nas atividades domésticas de garantia da lei e da ordem ⁹. Contudo, considerando o fato de que aos sítios arqueológicos elegíveis para o Registro Nacional em terreno militar são proporcionadas proteção e gestão abrangentes, as Forças Armadas dos EUA têm muito mais experiência

com a proteção de sítios que muitos militares supõem. Além disso, a proteção efetiva de um sítio arqueológico utiliza as habilidades militares básicas para o estabelecimento de perímetros de segurança controlados.

Da mesma forma que Brewer desempenhou um papel fundamental no estabelecimento de um programa de PPC dentro do CENTCOM, o Dr. Amir Gamliel, engenheiro ambiental do SOUTHCOM, reconheceu o valor potencial de acrescentar um componente de patrimônio cultural mais forte à área ambiental daquele Comando. Gamliel instruiu o comando, até mesmo convidando o Dr. James Zeidler, um autor e especialista acadêmico, para proferir briefings. Ele manteve-se fiel à ideia de tratar as demandas arqueológicas como um assunto de engajamento e, no

Militares da 17ª Brigada de Artilharia sobem o Zigurate de Ur, perto da Base de Operações de Contingência Adder, em Basra, no Iraque. O Zigurate foi construído como um local de veneração religiosa no XXI Século aC e, após mais de quatro mil anos, é uma das estruturas melhor preservadas na cidade neo-suméria de Ur. A proteção norte-americana do sítio o preservou da maioria dos danos experimentados por muitos outros patrimônios arqueológicos na região. (Cb Samantha Ciaramitaro, Exército dos EUA)





verão de 2017, o SOUTHCOM, em parceria com o Exército do Comando Sul dos EUA (U.S. Army South), a 10ª Divisão de Montanha, o departamento de Assuntos Civis do Exército dos EUA, a University of Pennsylvania e a Embaixada dos EUA em Honduras, planejou e implementou o primeiro exercício de engajamento de PPC do SOUTHCOM.

Representantes do Ministério da Defesa de Honduras, incluindo o curador do Museu Militar de Honduras; representantes dos setores eclesiástico, arqueológico e de museus de Honduras; além de representantes da polícia, polícia de fronteira e da alfândega de Honduras se reuniram durante três dias de apresentações e de visitas a sítios. A inclusão de proeminentes acadêmicos enriqueceu a experiência para todos os envolvidos. A combinação de perspectivas acadêmicas, eclesiásticas, militares e de imposição da lei acrescentou uma grande quantidade de informações à discussão e abriu a porta para mais parcerias interdisciplinares no futuro, tanto no nível intranacional quanto internacional.

Os militares dos EUA aprenderam que das cinco brigadas que compõem as Forças Armadas de Honduras, três são designadas para a proteção de sítios arqueológicos dentro da nação. Esse fato explica claramente por que alguns países dentro da área de

Militares de uma equipe da 10ª Divisão de Montanha visitam as ruínas da Fortaleza de Bala Hissar, em 26 Ago 13, onde sua unidade participou de uma cerimônia de transferência de responsabilidade das tropas norte-americanas para as Forças de Segurança Nacionais Afegãs (ANSF), em Cabul, Afeganistão. Essa transição mostra a capacidade das ANSF de conduzirem as operações de segurança independentemente, com limitada assessoria estrangeira. (Sgt Kenneth Foss, Exército dos EUA)

responsabilidade do SOUTHCOM solicitam exercícios de treinamento relacionados à proteção de sítios arqueológicos. Além de obter uma melhor compreensão das prioridades e objetivos da missão atribuída às Forças Armadas de Honduras, os Estados Unidos tiveram, ainda, a oportunidade de aprender mais sobre a existência de caminhos antigos utilizados para o tráfico de drogas, armas e pessoas; um entendimento melhorado da localização e das conexões entre os antigos sítios da América Central e seu potencial valor estratégico. Da mesma forma, os traficantes frequentemente incluem antiguidades escavadas ilegalmente dentro da sua carga ilegal. Portanto uma apreciação sob o prisma da arqueologia da região tem aplicações diretas nas missões de interdição dentro da área de responsabilidade do SOUTHCOM.

A partir desse engajamento, tanto as entidades norte-americanas quanto hondurenhas desenvolveram um entendimento e uma apreciação mais profundos dos fatores subjacentes que afetam o êxito da missão. Ambas as partes estão melhor preparadas para desenvolver estratégias que busquem atingir os resultados desejados na região. Esse exemplo mostra que está claro que os esforços dos EUA nas Américas Central e do Sul continuarão a se beneficiar imensamente se mais exercícios e diálogos relacionados à PPC forem incorporados. Os hondurenhos e seus vizinhos também reconheceram o valor da PPC. Os hondurenhos gostariam de continuar o diálogo anualmente, e os representantes militares de El Salvador, Belize e Guatemala têm mostrado interesse em participar do mesmo engajamento. Hoje, existem planos para uma reunião em 2019, em Honduras, com a possibilidade de participação de delegados dos outros países.

Gamliel, também, acredita na utilidade de se incorporar a PPC nos planos para exercícios futuros de resposta direta aos desastres na área de responsabilidade do SOUTHCOM. Depois do terremoto no Haiti, a Marinha dos EUA desempenhou um importante papel em apoiar o esforço do Smithsonian [Institute] para salvar os murais no Catedral da Santa Trinidade, 9.000 pinturas do Museu Nader e várias outras obras de arte e documentos de arquivo¹⁰. No entanto, a cobertura midiática que poderia ter proporcionado bons dividendos para a Marinha foi pífia. As lições aprendidas positivas ainda precisam ser sistematicamente aplicadas durante a fase de treinamento para que as futuras operações de respostas a desastres tenham maior eficácia, não apenas no SOUTHCOM, mas em qualquer área de responsabilidade ao redor do planeta.

Treinamento para Operações de Paz na África

Um evento de instrução e treinamento para "capacetes azuis" africanos proporcionou mais um exemplo de como a PPC pode exercer um papel crucial na promoção de cooperação regional com possíveis parceiros. Durante o outono de 2017, o gabinete da UNESCO em Harare, Zimbábue, organizou um evento de instrução e treinamento sobre a PPC para soldados africanos envolvidos em missões de paz. Patrocinado pelo Southern Africa Development Community Regional Peace Keeping Training Center, o curso foi frequentado por delegados do Zimbábue, Angola, Mauritânia, República Democrática do Congo, Mali e Malavi. Os mesmos princípios de

competência transcultural e a capacidade de "ler" a paisagística transcultural para identificar aspectos sagrados e valorizados se aplicam a todas as áreas de responsabilidade e situações em campanha. O sucesso do curso da UNESCO em Harare oferece um modelo para consideração futura pelo Comando da África e do Exército do Comando da África.

Uma das principais características desse modelo foi o desenvolvimento de relações entre as Forças Armadas dos EUA, a UNESCO, os parceiros militares africanos e especialistas e organizações acadêmicas proeminentes. Tais relacionamentos permitem que atores norte-americanos obtenham discernimento sobre as necessidades e valores culturais próprios de cada região. Além dos acadêmicos internacionais, o organizador conduziu o curso com o apoio do Museu Nacional do Zimbábue. Dessa forma, em um dado momento do curso, os alunos visitaram o museu, onde aprenderam, de primeira mão, sobre a segurança da instalação, o estabelecimento de um perímetro de proteção ao redor de um museu e a embalagem apropriada para os objetos, em caso de evacuação.

Outro aspecto importante desse modelo é o benefício tangível e imediato para as operações de manutenção de paz dos EUA. Os militares se beneficiaram da oportunidade prática de aprender e empregar as habilidades da PPC. Os funcionários do museu se beneficiaram da perspectiva militar sobre como proteger a sua instituição e as coleções lá existentes. Mais importante ainda, tanto os profissionais militares quanto os civis estabeleceram uma capacidade de trabalhar de forma conjunta, uma habilidade crítica durante tempos de crise ou de resposta a desastres, especialmente em partes do mundo em desenvolvimento, onde integrantes de outras profissões frequentemente têm medo e demonstram apreensão quanto ao trabalho com as forças armadas.

Outro aspecto positivo sobre o evento de treinamento da PPC está relacionado ao fato de que os veteranos mais experientes em operações de paz, especialmente aqueles que atuaram no Mali, usavam o assunto de PPC como um ponto de partida para novas discussões sobre diversos aspectos éticos dos desdobramentos. Discussões sobre a identificação e a proteção de sítios sagrados e do patrimônio de outros povos servem para induzir mais debates sobre o respeito pelos povos de nações anfitriãs; suas mulheres, crianças e recursos naturais; e seus objetos de valor. Tais discussões precisam ser incorporadas à



literatura militar dos EUA como subsídio para o entendimento da região, devendo estar disponível para o pessoal na medida em que eles se preparam para operar e atingir os objetivos de segurança nacional.

Resumo

O emprego da PPC como um assunto de engajamento militar internacional, possivelmente, se tornou mais importante para os Estados Unidos do que para seus parceiros.

O engajamento no Oriente Médio ofereceu aos representantes dos EUA uma visão muito mais pormenorizada dos reflexos e desdobramentos dos danos causados na Babilônia e da subsequente cobertura negativa da mídia. Os norte-americanos, de uma maneira geral, obtiveram uma noção mais apurada do orgulho dos povos do Oriente Médio acerca da glória do seu passado ancestral e pelas expectativas de respeito a essa herança. Os afegãos reforçaram essas lições com suas narrativas de primeira mão de como se arriscaram para salvar seu patrimônio cultural. A oportunidade de fazer visitas a antigos sítios ajudou os conselheiros do Exército dos EUA a desenvolver o currículo da PPC e o planejamento de formas mais efetivas de treinamento dessa temática no futuro.

Tropas hondurenhas apoiam uma expedição que busca uma cidade pré-colombiana perdida na selva de Mosquitia, Honduras, 22 Fev 15. Três das cinco brigadas hondurenhas são designadas para a proteção de sítios arqueológicos dentro do próprio país. (Photo por Dave Yoder via Alamy photo)

Essas experiências demonstram, também, que as conversações sobre a PPC, embora sejam valiosas, podem levar a discussões e instruções focadas em outros assuntos importantes. A perspectiva jordaniana sobre o conhecimento cultural, por exemplo, proporcionou aos delegados dos EUA um ponto de vista completamente novo em relação aos desafios de comandar militares sem experiência internacional prévia em situações desafiadoras no exterior. No curso de manutenção da paz da UNESCO, o corpo docente demonstrou como a PPC pode induzir discussões essenciais sobre todos os aspectos de conduta ética para uma força militar desdobrada.

Todos os exercícios da PPC demonstraram o valor da participação interdisciplinar, não apenas com a alfândega e forças de segurança pública, mas com acadêmicos e outros profissionais de patrimônio cultural, como arqueólogos, curadores e funcionários de museus. Os especialistas no assunto proporcionaram valiosas informações culturais, desde como seguir a pista de rotas de contrabando na América Central pelos

antigos caminhos até como manusear e embrulhar um objeto valioso confiscado durante uma operação aduaneira. O representante acadêmico conseguiu, também, explicar aos delegados militares norte-americanos a organização atual do setor cultural hondurenho e algumas das dinâmicas políticas em jogo, que não teriam se tornado óbvias de outra forma. Os funcionários de museu e os arqueólogos avançaram profissionalmente da exposição direta aos militares, aprendendo sobre suas capacidades e seu potencial para prover assistência durante situações desafiadoras.

Na área de responsabilidade do SOUTHCOM, quando os Estados Unidos aprenderam, por meio de um engajamento bem-sucedido, que três das cinco brigadas do exército hondurenho se dedicavam à proteção de sítios arqueológicos, os delegados dos EUA começaram a dar mais atenção à importância da PPC para as forças armadas do país centro-americano. Os participantes norte-americanos expandiram seu conhecimento sobre a importância das antiguidades e dos sítios arqueológicos para as missões de interdição na região. Até mais importante foi a resposta positiva dos parceiros

centro-americanos que formularam novos pedidos por mais engajamentos de nível regional, tanto na América Central quanto na América do Sul. Como resultado, os Estados Unidos obtiveram uma boa oportunidade de serem reconhecidos como um "parceiro preferencial" para mais nações naquela área de responsabilidade.

A experiência em Honduras é um aviso de que os Estados Unidos precisam levar a sério os pedidos por assuntos de engajamento oferecidos pelos países parceiros e estarem dispostos a pensar de modo um pouco mais inovador, quando uma sugestão inesperada surgir como uma oportunidade para um assunto de engajamento. Os esforços recentes da PPC sugerem um recomeço importante para desenvolver nossa capacidade de estabelecer parcerias de forma efetiva por todo o mundo.

Os pontos de vista expressos neste artigo representam a opinião pessoal de seus autores e não necessariamente refletem as posições ou políticas oficiais do Departamento do Exército, Departamento de Defesa ou do Governo dos EUA.

Referências

- 1. Samuel P. Huntington, Who Are We? The Challenges to America's National Identity (New York: Simon & Schuster, 2004), p. 66–69.
- 2. Comentário proferido a Laurie Rush e Christina Luke durante a celebração em Sárdis, Turquia, 6 mai. 2011.
- 3. Rory McCarthy e Maev Kennedy, "US-led Forces Leave a Trail of Destruction and Contamination in Architectural Site of World Importance", *The Guardian* (website), 15 Jan. 2005, acesso em: 3 mai. 2018, https://www.theguardian.com/world/2005/jan/15/iraq.arts1;; "US Reportedly Damaged Ancient Babylon; Museum Claims Military Caused Substantial Damage", MSNBC News, acesso em: 3 mai. 2018, https://www.msnbc.msn.com/id/6829036/ (site indisponível).
- 4. Ten Cel Joris Kila (Exército Real Holandês), comunicação pessoal com Laurie Rush, reunião de planejamento sobre patrimônio cultural *Bright Star*, 2009. Esse sentimento foi expresso por militares egípcios de alto escalão durante sua resposta a uma equipe internacional que solicitou uma visita norte-americana às pirâmides durante o exercício *Bright Star*, 2009.
- 5. As observações são provenientes da experiência pessoal de Laurie Rush e de diálogos com o Ten Cel Daniel Brewer.
- 6. Ten Cel Joris Kila, um relatório enviado, em 2009, ao Combatant Command Cultural Heritage Action Group depois de pedir permissão para que uma visita a Saqqara fosse incluída como parte dos jogos de guerra. Quando confrontado pelos generais egípcios, Kila organizou um método por meio do Dr. Zahi Hawass, que entendia

- o objetivo da visita e recebeu os norte-americanos em Saqqara e nos outros sítios dentro e ao redor de Cairo como seus hóspedes pessoais.
- 7. Os Budas de Bamiyan eram antigas estátuas monumentais e icônicas entalhadas em nichos com vista para o Vale Bamiyan, no Afeganistão. Esculpidas no VI ou VII Século, com 45 metros de altura, eram os mais altos budas à pé no mundo e considerados um tesouro da humanidade. Como uma das muitas atrocidades cometidas pelo líder do Talibã Mulá Omar, ele mandou que eles fossem destruídos em março de 2001, com os nichos vazios deixados intatos.
- 8. Kenneth Foss, "Ancient Fortress Marks Site for Advisory Transition in Afghanistan", *The Mountaineer Online*, 12 Sep. 2013, acesso em: 3 mai. 2018, https://www.dvidshub.net/news/113252/ancient-fortress-marks-site-advisory-transition-afghanistan#.UithihavKmQ.
- 9. Eric V. Larsen e John E. Peters, "Overview of the Posse Comitatus Act", appendix D in "Preparing the U.S. Army for Homeland Security" (monograph, Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2001), acesso em: 3 mai. 2018, https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph_reports/MR1251/MR1251.AppD.pdf.
- 10. Smithsonian Magazine, "About the Smithsonian Institution—Haiti Cultural Recovery Project", Smithsonian.com, 31 Aug. 2010, acesso em: 3 mai. 2018, https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/about-the-smithsonian-institution-haiti-cultural-recovery-project-56233582/.